

ESPAÇO, MEMÓRIA E ETNIA: A VILA DOS MORENOS COMO NARRATIVA E IDENTIDADE DE SI

*Marciano Gualberto Andrade Nascimento Junior*²²³

Faculdade Internacional do Delta-FID

juniornietzsche@gmail.com

RESUMO

O presente artigo, tem como objetivo através da pesquisa em História oral feita na *Vila dos Morenos*, trazer o discurso de Seu Pedro, o morador mais antigo desse espaço, que mostrou a importância das memórias contidas na Vila, sendo a memória e seus regimes de signos, dispositivo de sua função social que é de suma importância como consolidação da lembrança, e reflexões que giram em torno do vivido. O vínculo com épocas passadas, a consciência que se dá em ter a compreensão e percepção do ocorrido, traz para os regimes de tempos vividos no agora, a plenitude daquilo que nunca foi esquecido. Para que nossa memória possa ser contemplada com as memórias coletivas, deve-se perceber a luz dos testemunhos, e concordância entre suas representações.

Palavras-chave: História; Espaço; Memória; Etnia; Vila.

INTRODUÇÃO

A ação da narrativa é de suma importância para nossa humanidade, pois através desse dispositivo poder intermediado pela ação da palavra, os sentidos daquilo que aconteceu se instauram nos regimes de tempos atuais, em virtude do ritmo de percepção do outro, sendo essa a melodia que instaura significados e significantes a sua vida. A passagem da fala a escrita representa a concretização de uma fonte, que busca trazer luz ao sentido do que cada depoimento vem a representar.

Assim, tendo em vista o quão importante é evitar o silêncio e apagamento sobre experiências que remetem a memórias históricas e a importância da propagação e não destruição de suas narrativas, o trabalho de pesquisa aqui desenvolvido, desdobrou-se em coletar depoimentos do morador vivo e mais antigo da *Vila dos Morenos*, senhor Pedro de Alcântara de Souza²²⁴ que através de seu depoimento e potencialização de suas memórias coletivas, pôde propagar a produção que constituiu essa pesquisa, a luz da pluralidade de sentidos que somam e representam a citada Vila, e seus valores culturais que remetem a integração do seu “Espaço, Memória e Etnia”.

Já que se trata daquilo que denomino “comunidade urbana”, e essa comuna se localiza dentro do Bairro Catanduvás, ou seja: é uma comunidade dentro de um dos

²²³ Graduando do curso de licenciatura plena em História da Faculdade Internacional do Delta-FID.

²²⁴ Morador vivo e construtor das primeiras casas situadas na Vila do Morenos.

Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFCG

maiores bairros da Cidade de Parnaíba, representando assim espaço, já o discurso coletado do morador mais antigo da comunidade é a propagação da memória, e todos os moradores daquele espaço serem negros e se auto declararem afrodescendentes brasileiros, representa sua etnia. Assim foi perceptível a importância da memória, ela vai unindo começo e fim, e a através de suas teias, liga o que foi e o por vir, pois como salienta Le Goff:

A memória onde cresce a História, que por sua vez alimenta, procura salvar o passado para servir de presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a salvação e não para a servidão dos homens. (LE GOFF, 1924, p. 477).

Foi notório a não conformidade dos morenos com a ocultação de sua história e valores culturais, pois ao observar o brilho nos olhos daquele senhor que veio a luz na década de 50 em Parnaíba, e hoje reverbera seus 67 anos de idade com toda sua potência de fala e propagação de memória, durante muito tempo ele e sua comunidade foram marginalizados por serem negros e viverem em uma parte mais isolada do ponto central da Cidade, com a intenção de reduzi-los ao silêncio, sendo que isso acaba por emanar a necessidade de instituir seus mecanismos de resistência a cada momento, pois como salienta Abdias Nascimento:

Durante séculos, por mais incrível que pareça, esse duro ignóbil sistema escravocrata desfrutou a fama, sobretudo no estrangeiro de ser uma instituição benigna, de caráter humano. Isto graças ao colonialismo português que permanentemente adotou formas de comportamentos muito específicos para disfarçar sua fundamental violência e crueldade. Um dos recursos utilizados nesse sentido foi à mentira e a dissimulação. A consciência do mundo guarda bem viva a lembrança do colonialista Portugal encobrindo sua natureza racista. (NASCIMENTO, 2017, p. 59).

SOBRE O PROCESSO QUE OS MOVIMENTOU ENQUANTO FORÇA EXISTENTE

Partindo para o pressuposto que simboliza os significados e significantes da culminação dos morenos até o Estado do Piauí chegando a Cidade Litorânea, sabe-se que os primeiros de seu povo, vieram para Parnaíba em um ato memorável de fuga das grandes secas que se perpetuaram no estado do Ceará, em busca de uma qualidade de vida mais plena, salientando que a seca é um fato natural de grande repercussão social

Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFMG

de datação do período inicial da colonização portuguesa no país e representa um fenômeno de desdobramento climático.

O senhor Pedro em seu depoimento, relatou que seus pais João Bezerra e dona Raimunda, em sua culminação a procura de melhores condições de vida, quando aqui chegaram para sobreviverem exerciam o ofício da pesca artesanal do caranguejo (crustáceo do mangue).

Assim gerando renda e propagando seu próprio sustento, sendo notório a grande importância que a atividade da pesca artesanal do caranguejo teve para o seu povo, pela manutenção da vida, pela valorização da identidade cultural e fixação do homem à terra, dentro das condições que ele acabou conhecendo e aprendendo, até saber administrar cotidianamente; que é o contato com ecossistema manguezal, seus mistérios, encantos, saberes.

Assim o ofício aqui suscitado, foi apenas uma das formas de viver que os morenos exerciam como pressuposto de propagação de sua sobrevivência, tanto a partir das gerações iniciais de seu Pedro e as que se estabeleceram depois da dele como filhos e netos, exerciam atividades extras sendo um acréscimo de renda, o ancião relata:

“Rapaz, era pescador, a gente fazia de pesca, carvão, a gente fazia tudo, roça. Foram os velhos mesmo que me ensinaram, meus coroaos, meus pais, nós andávamos por dentro dos manguezais, e nem caminhar direito nós caminhávamos, andávamos com os quatro pés irribo do raizal. Rapaz era luta senhor. Aprendemos ligeiro, isso aí só não tem é leitura mas, naquele nosso tempo quase não tinha mesmo negócio de colégio não. É só trabalhar, que os velhos botavam a gente para ir trabalhar era cedo, dez anos, doze a gente já ia para luta. Rapaz, a gente saia cedo, saia de manhãzinha, e quando era oito horas, do nosso trampo já vinha chegando já. Ninguém levava nada não porque não tinha, só quando chegasse com a profissão é que a gente vendia e era os braços da gente tirando o caranguejo mesmo”.²²⁵

Percebe-se que ter direito a memória é ter direito à identidade, tais lembranças são distintas, e dentro do campo das cidades e sua coletividade de seres e saberes, se dão através de jovens e velhos, homens e mulheres, aqueles que emanam opressão, e outros que residem na mais tranquila expressão do seu ser. Assim por meio da História oral, foi notório os dispositivos de poder que se deram em virtude da consolidação do direito que se perpetuou relacionado aos signos permeados pela memória e veracidade desses mecanismos de saber que se concretizaram através da oralidade memorial.

²²⁵ Entrevista realizada com o Senhor Pedro de Alcatra de Souza, residente vivo e mais antigo da Vila dos Morenos, para a consolidação do presente Artigo, em 31 de março de 2018.



Fotografia 17 – Dia 31/03/2018 entrevista na Vila dos morenos.
Fonte: (GUALBERTO, 2018).

A produção aqui consolidada põe o conhecimento científico relacionado a temática abordada, instituído principalmente pela memória e etnia, à disposição da sociedade em virtude de tentar mudar esses vetores de apagamentos, representando confiança e segurança através dos dispositivos de saber em suas zonas múltiplas de intensidade, ressaltando que tudo que parte de um princípio de subjetivação também produz múltiplas intensidades de lembrança, pois como salienta Deleuze & Guattari:

As subjetivações, as totalizações, as unificações são, ao contrário, processos que se produzem e aparecem nas multiplicidades. Os princípios característicos das multiplicidades concernem a seus elementos, que são *singularidades*; a suas relações, que são *devires*; a seus acontecimentos, que são *hecceidades*; (quer dizer, individualizações em sujeito); a seus espaços-tempos, que são espaços e tempos livres; a seu modelo de realização, que é o rizoma (por oposição ao modelo da árvore); a seu plano de composição, que constitui *platôs* (zonas de intensidade contínua); aos vetores que atravessam, e que constituem territórios e graus de desterritorialização.(DELEUZE & GUATTARI, 1925-1995, p. 10-11).

Um de meus maiores interesses nessa pesquisa, é trazer para as pessoas a importância de que a memória tem uma relação direta com os testemunhos. A memória possui a vitalidade potente e inseparável entre a vida social e cultural histórica em vias diretas de relações de poder com os testemunhos, trazendo signos de experiências que foram vividas e ainda se dão como propagação de costumes significados.

Nessa teia que tem como principal nome o relato, vão adquirindo significados e significantes enquanto fontes de análise social que se dão em virtude do estudo da fala e da importância que ela tem como identidade do indivíduo. Em toda a força existente

nessa rede de representações, em todo deslocamento de análises, procurou-se entender os dispositivos de poder que se interligavam através dos fios conectores de cada fato, refletindo sobre relações que se associam ao cenário apresentado, nesse caso a própria Vila dos Morenos.²²⁶



Fotografia 2 - Dia da entrevista na Vila dos Morenos em 31/03/2018.

Fonte: (GUALBERTO, 2018).

HISTÓRIA CULTURAL DO DESILVOLVIMENTO: OS MORENOS E SEU ECOMUSEU

As relações sociais são ordenadas e propagadas no mundo experimentando através das formas da sociedade e à essência da cultura tendo como pressuposto as séries de discursos dos povos. Sendo essas teias a sua análise intensiva, primeiro subjetivada e logo depois do processo de reflexão, torna-se múltipla na matéria das experiências; não como uma ciência experimental em busca de leis globais, mas como uma ciência interpretativa, à procura dos signos que envolvem as palavras através da reflexão, nos levando além de todo começo possível, depois nos fazendo retornar a análise em praxe do vivido como percepção do conhecimento em virtude do contato com o outro e de suas memórias coletivas.

²²⁶ Comunidade Urbana localizada dentro do Bairro Catanduvas na Cidade de Parnaíba-PI.

Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFMG

Dentro das concepções que tive ao entrar em contato com os escritos do teórico Hugues de Varine²²⁷, pude perceber dentro de uma das suas grandes visões de mundo, que a Vila dos Morenos é um “Ecomuseu da Comunidade Urbana”, ou seja: seu espaço permeado pelas luzes que compõe seus sentimentos emanados pelo existir, com suas cores, pessoas, devíres e clima, se introduzem nesse Ecomuseu. Assim à Vila é esse museu situado dentro do ambiente, e as memórias das pessoas que nele residem com suas estruturas de significação, seus costumes e valores culturais, são o patrimônio, com as memórias contidas nesse museu ambiente, desdobrando-se puramente como sistema simbólico e suas relações internas entre esses elementos, passando então a caracterizar todo o sistema histórico cultural de fluxo do discurso pois:

Hugues de Varine participa da “ invenção do mais famoso experimento no sentido de criar algo novo no campo dos museus, da memória e do patrimônio: o museu da comunidade urbana Le Creusot-Monteau (Saône-et-Loire), chamado inicialmente “Museu do homem e da indústria” e depois “Ecomuseu da Comunidade Urbana Le Creusot-Monteau.” Esta “aventura” do termo por ele “inventado” e logo consagrado e a experiência única do que foi considerado o primeiro ecomuseu – prolongada por muitas décadas sob sua orientação, e na década de 1990, sob a sua presidência – foram relatadas em seu livro “A Iniciativa Comunitária”, publicado na mesma Coleção Museologia, da Editora W, distribuída pelas Presses Universitaires, de Lyon, em 11. (DE VARINE, 2013, p. 12-13).

Assim é notório que o Ecomuseu da Vila é um meio cultural de veiculação da história do desenvolvimento de suas memórias e realidade étnica, e tem como missão detectar as intensidades emergentes, e pela sua exposição subtrair o sentido do que se faz dentro dessa teia de signos territoriais.

Percebe-se assim a importância das comunidades e sua união, pois as comunidades são a felicidade do encontro que sobrevive as várias formas de repressão, são coletivas por dentro e por fora no interno de cada densidade no laço de seu seio, não somente pelas pessoas que a compõe, mas pela energia espiritual que lhe proporciona felicidade. Começa então um processo de libertação confrontando suas forças com a realidade sendo sua própria base de sustentação emanada pelas verdades que a compõe e alicerçam suas bases.

O princípio dessa comunidade não é oposição à metrópole e seu enraizamento local, com tanto que não prejudique seu espaço, pois o grande problema é que medida que a cidade aumenta e aquilo que é tido como moderno relacionado a um padrão

²²⁷ Teórico da Museologia Social, historiador e arqueólogo pela Universidade de Paris. Foi diretor do Conselho Internacional de Museus (ICOM).

normativo de edificação, vai segregando e tentando expulsar as pessoas e seus valores culturais, assim fazendo essa segregação social e territorial.

Uma das grandes deteriorações que o sistema capitalista propaga é a exploração; seja ela de pessoas ou lugares, por isso as múltiplas formas de resistências das comunidades tendem a continuar seu processo insurrecional em vários lugares do mundo, até a última gota de vitalidade e força, pois o movimento expansivo de constituição das comunidades deve duplicar a medida que sua História cultural se propaga através das narrativas que as representam nos signos de sua veracidade, pois como salienta o Comitê Invisível:

Uma verdade não é uma visão do mundo, mas o que os mantém ligados a ele de forma irreduzível. Uma verdade não é algo que se detenha, mas algo que nos move. Ela faz-me e desfaz-me, ela afasta-me de muita coisa e torna-me parecido com aqueles que a experimentam. O ser isolado que a ela se agarra encontra alguns dos seus semelhantes. Na verdade, todo processo insurrecional parte duma verdade que não se cede. (INVISÍVEL, 2003, p. 111-112).

Descrevendo a essência social da memória dos morenos, a lembrança nos mostra que o modo que se dá em virtude da maneira de lembrar é tanto individual quanto social, mas a coletividade dessa comunidade transmite e reforça as lembranças, sendo que aquela pessoa que as recorda, no caso aqui suscitando o senhor Pedro, vai pondo a memória para trabalhar a partir da luz dos signos do que ele vivenciou, e mesmo individualizando a memória da comunidade em algumas partes, dentro da teia do que recorda e como recorda, faz com que o tempo da memória social fique; porque perpetua-se o trabalho de lembrar.

A maioria dos moradores da Vila são parentes, daí tem-se uma interpretação que se dá fortemente como pressuposto de família, emergindo essa forma primordial de socialização e propagação de valores culturais na imanência e transcendência de seus significados e significantes quando o ancião traz a narrativa das memórias que se dão em virtude dos costumes da sua comunidade.

As comemorações, a origem do nome da Vila no qual é passado de geração em geração, o orgulho que o senhor Pedro tem em afirmar que a Vila nunca irá morrer, que os morenos sempre estarão presentes em regimes de tempos diferentes para contar sua História e continuar a instaurar esse dispositivo de percepção de espaço na proporção do tempo, é emanada no presente discurso:

Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFMG

Rapaz, os costumes é todo fim de ano a gente fazer uma festa aqui, dia de sábado de aleluia, tudo a gente faz festa, mas é até bom, dá muita gente. As festas aqui é como começa dez horas, amanhece o dia, e as negradas ainda fica bebendo por aí todo tempo até meio dia e quando o sol esquenta é que eles começam a esmorecer. Já a origem do nome da Vila, quem botou foi o seu Raimundinho do ônibus que morava aqui no Catandubas, que fazia transporte aqui pro Catandubas, então ele botou esse nome da Vila dos Morenos, e essa Vila dos Morenos surgiu eu nem sei dizer qual foi o ano pra cá e até hoje ela continua, é como eu disse: “ela vai continuar até o final da vida de todos os Morenos.” Aqui só morava moreno, aqui na vila, só morava morenos aqui nessa vila, não morava gente branca não, agora foi que chegou gente branca aqui, mas aqui só existia negros, não existia gente branco não.²²⁸

No registro fotográfico que se perpetuará a seguir, relato de maneira expositiva e dialogada o momento em que em uma foto com o senhor Pedro e seus dois filhos: Cosme e Edilson, e logo na sequência segue-se a foto do ancião e alguns netos e com os citados filhos, pretendi imortalizar na História através da produção aqui aludida, essa realidade social, étnica, patrimonial e da memória, passando à não somente se reverberar em minha mente e na de cada moreno, mas nas memórias coletivas de cada pesquisador que foliar a composição de cada lauda do presente artigo.



Fotografia 3 – Registro com o senhor Pedro e dois de seus filhos: Cosme e Edilson.
Fonte: (GUALBERTO, 2018).

²²⁸ Dia 31 de março de 2018, realizei a entrevista com o residente vivo e mais antigo da Vila dos Morenos, Senhor Pedro de Alcântara de Souza, que verbalizou alguns costumes, tradições e a origem do nome da Vila, para a consolidação do presente Artigo.



Fotografia 4 – Senhor Pedro com filhos e netos. Fonte: (GUALBERTO, 2018).

“ A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afluíam depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim. ” (BOSI,1994, p. 39). Assim podemos perceber cada marco indetentário que se reverbera em cada cidadão que reside nesse espaço, enquanto os afrodescendentes brasileiros que são; transpirando sua realidade racial e social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os signos étnicos-culturais que constituem à estrutura desse escrito, começou pela reflexão geral sobre o fenômeno da memória em si, marcando seu nexos mais íntimo com a vida social procurando entender a função da memória que se deu em virtude do discurso do morador mais antigo da Vila dos Morenos, construtor das primeiras casas localizadas naquele espaço, propagando suas memórias, sendo transcritas e transformadas em fonte como narrativa de sua História; vendo as imagens do presente e evocando a representação do passado.

É na significância das lembranças dos idosos que podemos verificar uma História social bem desenvolvida, pois eles já passaram por determinados tipos de sociedade com marcos consistentes diversos que inclusive aumentam a experiência do

vivido, pois a narração de sua própria vida é o testemunho mais plausível das maneiras que o ser humano tem que lembrar, isso é sua memória e o espírito que nela reside; emanando diariamente a lembrança que conserva o passado dos indivíduos.

Assim meus irmãos, em minha tentativa de inventariar o real e a memória, bem próximo de mim ressoa o canto da emoção, e meu coração bate acelerado como um tambor transcendendo e clamando as forças de Orum e dos Orixás. Aqui lhes deixo essa oferenda como compromisso e amor a luta do nosso povo negro, em memória de nossos ancestrais. Que felizes possamos semear nossa força e sucesso nos terreiros férteis da vida; e como saudação ao ponto enérgico que acredito: Okê Arô Oxóssi. Meus irmãos, encerro meu lugar de fala com algumas palavras de um grande Filósofo e Psiquiatra negro.

*Sou negro, realizo uma fusão total com o mundo, uma compreensão simpática com a terra, uma perda do meu eu no centro do cosmos: o branco, por mais inteligente que seja, não poderá compreender Armstrong e os cânticos do Congo. Se sou negro não é por causa de uma maldição, mas porque, tendo estendido minha pele, pude captar todos os eflúvios cósmicos. Eu sou verdadeiramente uma gota de sol sob a terra...
(Franz Fanon).*

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças dos Velhos/** Ecléa Bosi.- 3. ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Comissão da anisia no (Brasil). **Marcas da Memória: história oral da anistia no Brasil/** Organizadores: Antônio T. Montenegro, Carla S. Rodeghero, Maria Paula Araújo. – Recife: Ed. Universidade da UFPE, 2012. 212p.

Fanon, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas /** Frantz Fanon ; tradução de Renato da Silveira . - Salvador : EDUFBA, 2008. p. 194.

Gilles Deleuze e Felix Guattari. **Mil Platôs.** Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 1, São Paulo, Editora 34, 1995.

GUALBERTO, M. (2018.). **Fotografia 1-** Entrevistando seu Pedro na Vila dos Morenos. Parnaíba, Piauí, Brasil.

GUALBERTO, M. (2018). **Fotografia 2** - Parte interna da Vila dos Morenos. Parnaíba, Piauí, Brasil.

GUALBERTO, M. (2018). **Fotografia 3** - Ríregistro com o senhor Pedro e um de seus dois filhos: Cosme e Edilson após a confluência da entrevista. Parnaíba, Piauí, Brasil.

Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFCG

GUALBERTO, M. (2018). **Fotografia 4** - Senhor Pedro com filhos e netos. Parnaíba, Piauí, Brasil.

LE GOFF, Jacques. 1924, **História e Memória**/ Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão... [et al.] – Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

INVISÍVEL, Comitê. **A Insurreição que Vem**/ França: 2007.

NASCIMENTO, Abdias do. 1914 – 2011, **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**/ Abdias Nascimento. – 2. ed. – São Paulo: Perspectiva, 2017.

VARINE, Hugues de. **As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local**. Hugues de Varine; trad. Maria de Lourdes Parreiras Horta. 1º Reimpressão – Porto Alegre: Medianiz, 20013.